

Resumo: O conteúdo oferecido neste artigo é resultado das reflexões de um grupo de acadêmicos do Curso de Teologia do Instituto Teológico de Santa Catarina*. Perpassa, sinteticamente, as diversas etapas históricas da Bíblia, enfocando o protagonismo da juventude. Há jovens de todas as condições sociais com testemunhos de fidelidade, de coragem, de sabedoria e de entrega amorosa ao projeto de Deus em favor da vida do povo. Há também jovens que preferem optar por projetos de morte. Há jovens profetas, juizes, reis, soldados, sábios, artistas... Há jovens maltratados, injustiçados, perseguidos e assassinados. Há jovens que resistem até à morte por fidelidade às suas convicções de fé. Há jovens que seguem a Jesus com radical disposição e outros que não conseguem desapegar-se dos seus próprios planos... Enfim, encontramos na Bíblia rostos variados de juventude. Neles transparece a realidade vivida pelo povo de Israel e das primeiras comunidades cristãs em seus diversos contextos históricos. Eles nos fazem refletir sobre a realidade na qual vivemos hoje e nos ajudam a discernir o caminho que devemos seguir como agentes a serviço do plano de Deus pela promoção da fraternidade e vida digna sem exclusão.

Abstract: The contents in this paper is the result of the reflections of a group of students of the Catholic Faculty of Santa Catarina. It overpass, synthetically, the several historical stages of the Bible, focusing on the protagonism of the youth. They recall young men and women of all the social conditions, with testimonies of fidelity, courage, wisdom, and full dedication to the project of God in favor of the life of the people. They find also young who prefer to choose projects of death. They recall young prophets, judges, kings, soldiers, wise, artists... Also young men and women mistreated, persecuted, assassinated. Young who resist up to the death by fidelity to their convictions of faith. Young who follow Jesus with radical dispositions, and other who don't succeed in detaching themselves from their own selfish plans. Finally, we find in the Bible different faces of youth. In them appears the reality lived by the people of Israel and of the first Christian communities. They make us reflect about our present moment of history, and help us to discern the way to follow as agents on the service of the plan of God for the promotion of fraternity and life without exclusion.

Bíblia e Juventude

Celso Loraschi^{**}

* Participaram destas reflexões os acadêmicos: Alcionir dos Santos, Alex Sandro Serafim, Chandi Salvador, Gabriel Schuch, Gilson Siqueira Alves, Rosália V. Teodósio da Silva, Tiago Evaristo do Vale Santos e Wagner Alexandrino Nicola.

** Celso Loraschi é professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos no ITESC/FACASC.



Introdução

Este artigo é, fundamentalmente, resultado das reflexões feitas pelos participantes de um dos Seminários oferecidos pelo Instituto Teológico de Santa Catarina durante o 2º semestre de 2012. O tema proposto foi Juventude e Bíblia. Propomo-nos a resgatar o rosto de alguns jovens da Bíblia, à escolha de cada um dos oito acadêmicos que se interessaram pelo assunto. Cada um deles partilhou sua pesquisa, situando a época provável da narrativa bíblica, a situação histórica em que viviam as comunidades na época da redação, as possíveis intenções dos autores, culminando com reflexões hermenêuticas, visando contribuir para o fortalecimento da Pastoral da Juventude em nossos dias. Seria muito bom expor toda a pesquisa realizada. Porém, isso não é possível pelo espaço disponível para este artigo. Optamos por contemplar uma breve síntese de cada uma destas pesquisas, permeada por comentários relacionados às diversas etapas históricas do povo pertencente à tradição de fé judaico-cristã, dentro da qual emergiu a Bíblia sagrada.

Juventude e liberdade

A partir do acontecimento do Êxodo, a Bíblia dá testemunho da presença amorosa de Deus no meio do povo sofredor, abrindo caminhos de libertação e vida. Ele age através de homens e mulheres que ouvem a sua voz e seguem a sua vontade, como se constata logo no início da formação do povo de Israel. O livro do Êxodo conta que Moisés, desde a sua juventude, mostrou-se indignado com a situação de opressão em que vivia o seu povo. Cometeu um grave erro quando quis fazer justiça com as próprias mãos, usando da violência, o mesmo método dos opressores. Fugiu do Egito e foi para a terra de Madiã. Casou com Séfora e trabalhou como pastor até o dia em que Deus o chamou para animar a organização do povo oprimido, tendo em vista a sua libertação. Apesar das resistências de Moisés, Deus não deixa de realizar seus planos porque as pessoas se acham limitadas. Contou com ele, apesar de suas tentativas de fugir da missão que lhe foi confiada. Para ajudá-lo, Deus indicou o nome de seu irmão Aarão. Estamos ao redor do ano 1.250 a.C.

A caminhada pelo deserto rumo à terra prometida foi feita com a coragem juvenil. Na dureza do cotidiano de um deserto exige-se muita fé e muita ousadia da parte dos animadores deste projeto de liberdade, de paz e de fraternidade. Exige-se, sobretudo, capacidade de trabalhar



em equipe. Miriam, irmã de Moisés e Aarão, manifesta sua liderança e coloca seus dons a serviço do povo em caminhada. Ela é lembrada como profetisa, pois percebe, celebra e anuncia os sinais de libertação de Deus em favor do povo escravizado.

Foram muitos os desafios durante a caminhada de 40 anos pelo deserto: fome, sede, reclamações, revoltas, tendência ao desânimo e à acomodação. Foi a certeza da presença de Deus caminhando junto com o povo, e a coragem sempre renovada dos animadores desta caminhada, que proporcionaram a superação de todas as dificuldades e conflitos. Vários grupos de marginalizados se juntaram ao movimento de libertação: camponeses, pastores, endividados, perseguidos pela polícia do faraó... Como aprendizes uns dos outros e dos acontecimentos, vão descobrindo, clareando e definindo o projeto de Deus: uma sociedade onde a economia seja baseada na partilha segundo a necessidade de cada pessoa (Ex 16,1-36); onde a política seja descentralizada e exercida na corresponsabilidade a partir das organizações de base (Ex 18,13-27); onde a religião seja garantidora de relações igualitárias e fraternas (Êx 20,1-21). Foi o projeto assumido pelas tribos ao chegar à terra prometida.

Juventude e organização social

Coube a um jovem, chamado Josué, a missão de liderar o povo de Israel após a morte de Moisés. Com ele conclui-se a caminhada pelo deserto e inicia-se a organização das tribos na nova terra. A missão é desafiadora. Josué a assume na total confiança em Deus, que os tirou da escravidão no Egito. Aprendeu com Moisés a ser servo de Deus. Ser jovem não é sinônimo de incapacidade. Como muitos jovens de hoje, colocou-se inteiramente a serviço da vida do povo. Sabe que pode contar com a proteção divina. Eis o que Deus lhe diz: *“Estarei contigo como estive com Moisés; não te deixarei nem te abandonarei. Sê firme e corajoso... Isto é uma ordem: sê firme e corajoso. Não te atemorizes, não tenhas medo, porque o Senhor está contigo em qualquer parte para onde fores”* (cf Js 1,1-9).

O projeto social assumido pelas tribos de Israel durou aproximadamente 150 anos (1200-1040 a.C.). Tinha por objetivo garantir as condições de vida digna para todas as famílias, clãs e tribos: um “povo de irmãos”, como o definiram os autores do livro do Deuteronômio. Organizado a partir da base, o povo era animado por lideranças *“prudentes, tementes a Deus, íntegras e desinteressadas”* (Ex 18,21). Foram



denominadas de “juízes” ou “juízas” as pessoas que receberam a missão de manter a unidade das tribos e administrar a justiça social. Entre elas encontramos Débora (Jz 4-5). Além de juíza, é também lembrada como profetisa, título de honra dado para quem toma iniciativas em nome de Deus na defesa da vida do povo ameaçada pelos poderosos. Débora significa “abelha”. Com sagacidade, ela planeja as estratégias para vencer o inimigo que ameaça a vida de seu povo com o poder das armas. Junto com Débora, outra mulher, chamada Jael, usa de sua esperteza com o mesmo objetivo: salvar a vida e a liberdade do povo de Israel.

Os juízes e juízas possuem a consciência de serem guiados pelo Espírito de Deus, com quem cultivam uma relação de total confiança. As dúvidas e fraquezas são superadas pela certeza da proteção divina. Assim dão testemunho as narrativas bíblicas a respeito destas personagens. Servem de inspiração para jovens e adultos de todas as épocas.

Juventude e poder

A transição do tribalismo para a o regime monárquico foi conflituosa. Samuel nasceu e cresceu nesse tempo de crise. A narrativa de sua vocação (1Sm 3) ressalta o gradativo discernimento da missão para a qual é designado, até a sua plena adesão: “*Fala, Senhor, que o teu servo escuta*”. A vida de Samuel foi dedicada à defesa do projeto social de fidelidade à Aliança com Deus. Porém, Israel vai optar por outro caminho.

A Bíblia conta que os filhos de Samuel, Joel e Abias, não seguiram o exemplo do pai, mas “deixaram-se arrastar pela cobiça, recebendo suborno e violando o direito”. Há jovens que se deixam arrastar pela ilusão do poder e da fama. Esta situação de corrupção das lideranças foi um dos motivos para a implantação da monarquia, no intuito de imitar outros povos. Samuel entristeceu-se profundamente e “se pôs em oração diante do Senhor”.

O acadêmico **Wagner Alexandrino Nicola**, após o estudo dos textos referentes a Samuel, faz o seguinte comentário:

SAMUEL: EXEMPLO E INSPIRAÇÃO PARA OS JOVENS

O nome Samuel significa “aquele a quem Deus ouve”. Fez parte da história de Israel por volta do ano 1040 a.C. Seu discerni-



mento vocacional começou desde muito jovem. Sua mãe, Ana, o consagrou ao serviço do Senhor. Foi educado sob a orientação do sacerdote Eli. Quanto à sua relação familiar, seus parentes iam até o templo uma vez ao ano para levar presentes ao menino que tão cedo começou seu ministério e a sua vocação profética.

Vivemos em um mundo onde boa parte dos adultos tem a tentação de não sentir nos jovens nenhuma expectativa. Somos levados a ressaltar a negatividade em tudo. As críticas e as correções quanto às normas vêm automaticamente. É aí que se encontra a grande dificuldade de aceitar e acolher o outro, neste caso, principalmente o jovem. Neste embalo caímos na tendência de achar que tudo o que os jovens pensam, falam e fazem, está errado. Esquecemos que também já fomos crianças, adolescentes e jovens.

Devemos despertar o outro lado da nossa sensibilidade. A sensibilidade de perceber, ver e valorizar as coisas positivas que os jovens de hoje têm a oferecer. Devemos aguçar a contemplação que nos educa a olhar o mundo com os olhos de Deus, como fez Eli com respeito a Samuel. Samuel, um jovem como qualquer outro, tinha muito para oferecer ao povo de Deus. Não só aquele povo de um milênio antes de Cristo precisava de jovens como Samuel. Hoje também a nossa sociedade clama pela atuação de jovens convictos, acolhedores, reflexivos, perseverantes, corajosos e apaixonados pela causa do reino de Deus. Onde encontrá-los? Eles estão em todo lugar. Basta olhar o mundo com os olhos de Deus, para perceber inúmeros jovens como Samuel.

Ainda muito cedo, caem, sobre a maioria dos jovens de hoje, grandes responsabilidades. Há jovens que perdem os pais e são obrigados a deixar os estudos para trabalhar. Há jovens que assumem responsabilidades políticas sendo precocemente líderes de classe, de sindicatos, de movimentos estudantis, gerentes comerciais etc. Os jovens cada vez mais são obrigados e exercer funções de grande importância social.

O jovem Samuel de hoje é convidado a colocar-se aos cuidados de Deus para praticar funções de autoridade de modo sadio. Em todo lugar é indispensável o exercício da autoridade. A autoridade, quando guiada por critérios divinos, sempre trará benefícios para o povo. Em qualquer instituição que tem o ser humano como mediador, torna-se indispensável o cultivo da amizade com Deus e a conseqüente escuta e adesão à sua vontade, pois é ele quem governa e liberta o povo.



Para isso é fundamental que tenhamos consciência de ser porta-vozes do projeto de Deus. Samuel foi um jovem que soube servir a Deus, colocando-se a serviço do povo com o propósito de protegê-lo e libertá-lo de seus inimigos. Ele representa todos os jovens que lutam pela organização popular, pela promoção da vida, pela justiça e pelo direito; representa todos os que entregam sua vida apostando numa sociedade de dignidade e justiça.

Os adultos precisam aguçar sua sensibilidade e perceber quais as qualidades específicas que cada jovem possui, para orientá-lo com sabedoria. A começar dentro da própria casa e da própria Igreja, o exemplo de Samuel e do sacerdote Eli serve de grande inspiração. Neste mundo da pós-modernidade, não podemos nos submeter à ditadura do consumismo, do descartável e do relativo. Assim como Deus, através do sacerdote Eli, chamou Samuel para uma missão de grande importância na história de Israel, do mesmo modo ele chama os jovens de hoje, pois continuam com potencial de grandes ideais, capazes de revelar-se como protagonistas de uma nova história. Exemplos não faltam em nossas comunidades, nas pastorais, nos movimentos e organizações populares, na política...

A monarquia israelita vai ser julgada na Bíblia como o maior dos pecados. Ela significou o rompimento da Aliança divina com graves consequências para o povo. A fraternidade é quebrada sob o domínio do egoísmo em suas diversas formas, tanto individuais como coletivas. O relato da vida de José do Egito ilustra bem esta realidade (Gn 37-50). A inveja e a ganância corrompem as relações sociais. Podia ser outra a história de José, se fosse amado e acolhido por seus irmãos. A quebra da fraternidade, porém, o tornou instrumento nas mãos do poder, a ponto de usar suas habilidades para concentrar todos os bens nas mãos do faraó e levá-lo a possuir o controle da vida do povo (Gn 47,13-26). É o retrato do rei Salomão que solidificou o regime da monarquia com impressionante habilidade administrativa. O acadêmico **Gabriel Schuch** oferece a seguinte reflexão:

JUVENTUDE, LIBERDADE E PODER

Uma sociedade justa depende de jovens conscientes. Com José do Egito, percebemos claramente que o poder nos tenta à corrupção. O poder pode ser uma faca de dois gumes. Quando as-



sumido sem princípios valorativos, pode corromper e levar o jovem a usá-lo em benefício próprio e, conseqüentemente, com atitudes autoritárias e repressoras. Mas, se for exercido a partir de critérios valorativos, pode ser libertador e promotor de vida.

Vemos na Bíblia que a vida do escravo no Egito (e também em qualquer outro lugar) é sempre muito difícil. Os jovens escravos são meros objetos e fonte de lucros para os seus senhores, os quais exercem plenos poderes sobre suas vidas. Na atualidade, a escravidão está abolida. Porém, surgiram novas e acentuadas formas de escravidão dos jovens. Podemos citar, por exemplo, o consumismo, a escravidão sexual, a dependência dos meios de comunicação, a busca insana pelo corpo perfeito, e muitas outras.

O jovem do passado foi o protagonista de muitas mudanças e melhorias sociais. Infelizmente, esse espírito hoje não está tão evidenciado. Grande parte da juventude atual é tida como “apática”, não se mobiliza, não discute política, não sai às ruas, não monta grêmios, não se filia a partidos, não vota com sede de mudança. No âmbito social e político, podemos dizer que a juventude se deixa escravizar pelos mandos e desmandos de todas as esferas de poder, tanto público como privado. Cada vez mais é preciso recuperar em nossos jovens o desejo de renovação. Com ele vem o entusiasmo de fazer, criar, tentar, e a certeza de sempre conseguir.

Juventude deve ser sinônimo de querer experimentar o novo, aprender com o velho e descartar os empecilhos criados por vícios de acomodação. Juventude deve ser bandeira de liberdade (não de libertinagem). Hoje ela parece um carvão ardendo embaixo de cinzas. Não queremos que essa cinza se torne cada vez mais espessa. É preciso soprar para que virem chama. Saiam as cinzas, a escravidão, a alienação, o conforto e flamejem as mudanças, as melhorias, o novo tempo, a verdadeira liberdade!

Muitos reis, desde os dois primeiros, Saul e Davi, iniciam o seu governo ainda muito jovens. Alguns até como crianças. Salomão assumiu o reinado como adolescente, usurpando o direito de seu irmão mais velho, chamado Adonias, depois de mandar matá-lo (1Rs 1-3). Assim como Salomão, vários outros reis usam da astúcia e da violência para conquistar o poder. A maioria oprime o povo.

Davi, na memória popular, vai ser idealizado como o rei justo, defensor dos direitos dos pobres e muito corajoso desde a sua juventude. Foi ele quem enfrentou o gigante Goliás com fé e inteligência, sem



usar armaduras, na liberdade e com a habilidade de um pastor (1Sm 17). Davi é a figura que representa as aspirações do povo oprimido pela monarquia, mas portador do ideal social de justiça e de liberdade. Ele é citado por Jesus como um exemplo de quem defende o direito das pessoas necessitadas (Lc 6,1-5).

Juventude e profecia

Com a situação provocada pela monarquia, surgem os profetas e profetisas. Muitos deles iniciam suas atividades ainda jovens. Isaías Primeiro (Is 1-39) tinha aproximadamente 25 anos de idade quando se sentiu chamado. Estava no templo em oração com a comunidade. Ele conta: *“Ouvi então a voz do Senhor que dizia: ‘Quem enviarei eu? E quem irá por nós?’.* *‘Eis-me aqui’ – disse eu – ‘envia-me’* (Is 6).

Jeremias é outro exemplo. Deus dirigiu-se a ele nestes termos: *“Antes de formar-te no seio materno, eu já te conhecia; antes do teu nascimento, eu já te havia consagrado e te havia designado profeta das nações. E eu respondi: ‘Ah! Senhor Yahweh, eu nem sei falar, pois que sou apenas uma criança’. Replicou, porém, o Senhor: Não digas: ‘Sou apenas uma criança’; porquanto irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que eu te ordenar. Não deverás temê-los porque estarei contigo...”* (Jr 1,4-8).

Ao redor do ano 550 a.C., em pleno exílio da Babilônia, aparece o profeta Isaías Segundo ou Dêutero-Isaías (Is 40-55): um apaixonado pela liberdade e pela vida digna de todos, inconformado com toda e qualquer atitude de injustiça. Faz ecoar a voz dos silenciados, dando atenção especial às suas aspirações e aos seus direitos. Sua paixão e utopia o levam a fazer uma experiência inédita de fé: Deus assume a dor de todas as pessoas vítimas de sistemas construídos na base da mentira e da dominação, envolve-as no seu amor terno e misericordioso e confia-lhes uma missão especial: *“Eis o meu servo que eu amparo, meu eleito ao qual dou toda a minha afeição... Eu te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te pus como aliança do povo, como luz das nações, a fim de abrir os olhos dos cegos, a fim de soltar do cárcere os presos e da prisão os que habitam nas trevas”* (Is 42,1-7). É nesta teologia do servo sofredor que Jesus de Nazaré vai pautar sua vida e fundamentar sua prática.



Juventude e sabedoria

No pós-exílio surge o movimento profético de Isaías Terceiro ou Trito-Isaías (Is 56-66). Com extrema coragem, denuncia as atitudes orgulhosas das lideranças políticas e religiosas e anuncia o caminho da mudança social: a prática do direito e da justiça. Os líderes religiosos procuram inculcar no povo a ideia de que ser justo é “cumprir a lei”. Dizem que a pessoa “cumpridora da lei” garante boas relações com Deus. O profeta, no entanto, insiste que as relações com Deus são determinadas pelas relações de amor para com o próximo. O que importa não é “ser justo” pelo caminho do legalismo e sim “fazer justiça”, garantindo as condições de vida digna para todos. Deus não aceita cultos ou sacrifícios oferecidos sem amor e sem a solidariedade com os pobres (Is 58). Isaías Terceiro anuncia que Deus vai criar um “*novo céu e uma nova terra*”. Para isso, porém, é necessário que se restabeleça a igualdade social. Os grandes e poderosos devem descer e colocar-se em pé de igualdade com o povo: “*O lobo e o cordeiro pastarão juntos; o leão e o boi se alimentarão de palha*” (65,17-25).

Nesse tempo organiza-se o sistema sacerdotal de pureza. Entre as maiores vítimas estão as mulheres. Elas são consideradas impuras pela própria natureza. As jovens não tinham nem o direito de escolher com quem casar. A teologia oficial atribuiu à mulher a culpa do pecado no mundo (Eclo 25,33). Deus, no entanto, não entra na ideologia dos dominantes. Suscitou o movimento sapiencial, com forte protagonismo das mulheres. Várias novelas bíblicas o revelam. Ester e Judite são jovens, lindas, inteligentes e sagazes. Tomam posição na defesa e promoção dos direitos do povo. Usam de estratégia para derrubar os poderosos de seus tronos confiando na força criativa de Deus, que jamais abandona os oprimidos.

A história de Judite interessou particularmente à acadêmica **Rosália V. Teodósio da Silva**:

JUDITE: A JOVEM MULHER DE CORAGEM E ORAÇÃO

O nome da heroína, Judite, significa em hebraico, “a judia”, o que a coloca em estreita relação com seu povo. Jovem e viúva, representa o próprio Israel ameaçado por seus inimigos. Ela é lem-



brada por sua coragem e por seu desempenho na libertação do povo das mãos dos opressores, quando a força dos homens de Israel se esgotou. Mulher de oração, buscava sua fortaleza no Senhor e testemunhava sua fé através de palavras e atitudes.

O livro de Judite, obra de ficção, tem muito a ver com a realidade de uma época pós-exílica. Foi escrito na região da Judéia entre os anos de 175 e 164 a. C. e mostra a situação dos judeus durante a dominação do rei selêucida Antíoco Epífanes. Diante da onda de helenização e descaracterização da vida judaica, foi um dos livros que alimentou a resistência e a revolta pelos Macabeus. Por trás da ficção, percebemos o tema da luta de um povo oprimido e explorado, contra o poder de estruturas imperialistas, opressoras e destruidoras.

Embora o ato de Judite – assassinato e obtenção de sua finalidade por sedução implícita –, tenha sido julgado com dureza, seus críticos não conseguiram captar a lição transmitida pelos escritos, isto é, que os israelitas deviam confiar em Deus para protegê-los. Seguindo a tradição deuteronomica, a personagem dos heróis e seus métodos de guerra não eram objeto de avaliação moral estrita. Deus age através dos seres humanos que agem como humanos.

A teologia transmitida pelo livro de Judite é a seguinte: Javé é o Deus dos humildes, o socorro dos oprimidos, o amparo dos fracos, o protetor dos abandonados, o salvador dos desesperados (9,11). A doutrina do livro destaca ainda: a providência de Deus para com o seu povo; o tributo às mulheres que salvaram Israel no passado por sua piedade, sabedoria e ação; a ideia de cortar a cabeça do comandante do exército inimigo foi a de acabar com uma ideologia dominante e desarticular todo um sistema opressor; é Deus que age através de seu povo e realiza seu projeto de vida, justiça e liberdade; a força do povo de Deus é a prática da justiça; a mística do povo de Deus; o valor do jejum, da oração e dos atos de penitência para provocar transformações.

A história de Judite inspira os jovens e adultos de hoje a perceber, denunciar e transformar as estruturas opressoras que existem na própria casa, na escola, na comunidade, no trabalho, na igreja e no mundo. Inspira, igualmente, a não deixar-se dominar pela ideologia que manipula e deturpa a figura das mulheres, especialmente das jovens, em sua corporeidade e beleza. Neste sentido, inspira a adquirir uma espiritualidade de militância, usando as qualidades físicas e morais para colaborar na construção de um mundo de justiça. Enfim, inspira o hábito da oração permanente e leva a depositar nossa confiança no único absoluto que é Deus.



Como expressão do movimento sapiencial não poderíamos deixar de citar a jovem Sulamita do livro de Cântico dos Cânticos, apaixonada pela vida, pela natureza e de modo particular pelo seu amado. Mulher autônoma e independente, que não descansa enquanto não conquista o seu projeto de amor e de plena realização. Deus precisa ser libertado das amarras do Templo. A terra precisa ser libertada! É primavera! Toda a natureza é convocada a participar, com entusiasmo, do amor que vai crescendo e se fazendo pleno. Os animais se rejubilam solidários. O ar se enche de aromas. A corporeidade humana se revela em sua nudez. Transparecem os encantos de cada parte do corpo, os seus mistérios mais profundos que constituem a originalidade do ser mulher e do ser homem. Mistérios só revelados e experimentados por quem se entrega livre e conscientemente ao amor. E o amor é abrasador, é “*faisca de Deus*” (Ct 8,6). Surpreendentemente, este é o único momento em todo o livro em que aparece o nome de Deus.

Várias outras personagens jovens no contexto do pós-exílio poderiam ser evocadas, como Tobias e Sara. Sobre este jovem casal fala o acadêmico **Alex Sandro Serafim**:

TOBIAS E SARA: O JOVEM CASAL QUE ESPEROU A HORA CERTA

O livro de Tobias, escrito pelo ano 200 a.C., é uma novela que interpreta acontecimentos do século VIII a.C., durante a dominação assíria sobre Israel (Reino do Norte). Foi escrito em grego pelos judeus da Diáspora, com o objetivo de manter a sua identidade num ambiente estrangeiro. Tobias pretende fazer com que, a partir da experiência concreta, se aprenda a viver e manter os valores tradicionais. Ele quer mostrar os desafios, possibilidades, limitações e adaptações que os judeus enfrentaram na Dispersão. A essência do livro é a fidelidade ao Deus que se manifestou na tradição histórica do povo israelita.

Os personagens principais do nosso trabalho são Tobias e Sara. Tobias que significa “Javé é bom”, nasce do casamento de Tobit com Ana, e mora com os pais em Nínive. É um jovem correto, trabalhador, obediente e temente a Deus. Sara, que significa “dama ou princesa”, era uma moça justa. Sara é filha única de Ragüel e Edna, e mora com os pais na região da Média, numa cidade chamada Ecbátana.



O velho Tobit, pai de Tobias é um refugiado dos Assírios. Mas, aos poucos, ganha a confiança do rei, e passa a ter uma vida tranquila. Era muito fiel a Deus, frequentemente dava esmola, alimento e roupa aos pobres, e chega ao ponto de fazer ações oficialmente proibidas, como enterrar os mortos, contrariando a tradição local. Denunciado pelos vizinhos, é expulso da comunidade. Com a intervenção de um primo, ele volta. Certa noite, depois de enterrar um corpo e purificar-se, deita-se num lugar fresco, pois fazia muito calor. É atingido nos olhos pelo excremento de um pássaro, e fica completamente cego. Começa a passar por necessidades, e pede para o filho ir à Média cobrar uma antiga dívida de um amigo chamado Ragüel. Começa a procura de um companheiro de viagem para Tobias. Aparece um jovem, chamado Azarias, que significa “Deus socorre”, o qual se coloca à disposição para guiar Tobias. Azarias, na verdade, é um anjo chamado Rafael, que significa “Deus cura”. Esse anjo é o mensageiro de Deus que escuta a oração desesperada de Tobias, que pedia a cura de sua cegueira, e a de Sara, que implorava a libertação de sua desgraça.

A situação terrível de Sara é a seguinte: ela tinha sido dada sucessivamente em casamento para sete pretendentes. Acontecia que, na noite de núpcias, um demônio chamado Asmodeu, que significa “aquele que destrói”, matava o marido sem que o casamento fosse consumado. Tudo isso acontecia por uma palavra maldita de uma criada da casa. Sara cai em desespero e pensa até em suicídio. Naquele tempo se tinha a mentalidade de que a principal função de uma mulher era casar e gerar filhos. Mulher que não casasse ou fosse estéril era considerada maldita e inútil.

Duas histórias, em que só a providência de Deus pode reverter a situação e trazer novamente a alegria, a festa e a vida. O livro traz bonitos sentidos de obediência, de família, de fé, de fraternidade, de fidelidade, de sabedoria, de justiça, de integridade, de persistência, de oração, de entrega, de outros valores ligados aos temas pertinentes ao nosso contexto, como: o modelo dos pais, a educação dos filhos, a necessidades de perseverança, os conflitos dos jovens, a presença e manifestação de Deus, a esperança na vida, o matrimônio...

“Tobias e Sara, o jovem casal que esperou a hora certa”, diz muito aos jovens de hoje, principalmente, àqueles que estão iniciando seu namoro e pretendem concretizá-lo em matrimônio. No capítulo 8,1-9, fala da noite de núpcias; antes do ato sexual, foram orar e imploraram a misericórdia, a saúde e a graça de chegarem à velhice juntos. Ambos oravam ao Senhor, dizendo que a intenção



deles era reta, e não era um casamento por luxúria ou por outros interesses egoístas.

O namoro entre os jovens na atualidade vive um dilema. Existe uma confusão, primeiramente com as diferentes formas de conceber o amor, que em muitos casos é uma deformação do amor verdadeiro. Depois vêm as relações superficiais, onde não existe mais o processo de mútuo conhecimento e da espera necessária para o amadurecimento afetivo. Também se constata nas relações uma nociva primazia do eu, transformando o outro num objeto à minha disposição para ser usado e descartado. A sexualidade é confundida somente com o ato sexual, havendo uma desvirtuação e precocidade, adiantando atos que são para serem vividos só depois do matrimônio. A presença de Deus e seus preceitos passam despercebidos nos namoros. O sacramento do matrimônio foi banalizado pelo consumismo, moda, status, dinheiro, imediatismo, interesses e conveniências. Por isso, constata-se namoros e matrimônios cada vez mais líquidos e que facilmente se acabam.

O livro de Tobias, quando refletido com o coração aberto, nos dá indicações e nos transmite valores que nos ajudam em muitos aspectos, principalmente com respeito ao namoro e ao matrimônio. Finalizo este tema com uma fala de Tobias que diz: “Levanta-te, Sara. E roguemos a Deus, hoje, amanhã, e depois de amanhã. Estaremos unidos a Deus durante estas três noites. Depois da terceira noite consumaremos nossa união; porque somos filhos dos santos (patriarcas), e não devemos casar como os pagãos que não conhecem a Deus” (Tb 8,4-5).

Outra personagem jovem dessa época pós-exílica é Daniel, em cujo livro encontra-se o mais forte fundamento da fé na ressurreição da carne, no Primeiro Testamento (12,1-4). O livro expressa a resistência frente à opressão exercida pelo rei grego Antíoco IV, ao redor do ano 170 a.C. A fidelidade ao Deus de Israel revela-se na atitude de três jovens judeus que não se dobram frente às ordens idolátricas do opressor. São jogados na fogueira ardente e poupados por Deus em quem depositaram total confiança. Daniel, pelo mesmo motivo de fidelidade a Deus, mantendo-se íntegro no seu cargo administrativo, é injustamente acusado e lançado numa cova de leões. Deus o salva. Daniel é o modelo do jovem sábio, justo e incorruptível, conforme se constata no episódio de Susana, uma jovem recém-casada, prestes a ser condenada sem nenhuma culpa (Dn 13,1-64).



O acadêmico **Tiago Evaristo do Vale Santos**, a respeito da história contada no livro de Daniel, faz as seguintes considerações:

JOVEM, A QUE DEUS SERVES?

“O nosso Deus, a quem servimos, é capaz de nos livrar da fornalha de fogo ardente”

De acordo com as datas que o texto bíblico nos apresenta, o livro de Daniel, com seus doze capítulos, cobre todo o período do exílio da Babilônia. Primeiramente, ele nos leva ao ano 605 a.C., quando imperava o rei Nabucodonosor, o qual levou boa parte dos israelitas para o exílio. Por fim, chega ao ano 537 a.C., no tempo do rei Ciro, época em que o primeiro grupo de exilados tinha retornado a Judá para reconstruir as ruínas da cidade.

Tudo isso serve como pano de fundo, mas a verdadeira intenção dos autores do livro de Daniel era escrever uma resposta à ameaça religiosa e política que pairava sobre a Judéia no século II a.C., quando o livro foi escrito. Queriam, com isso, encorajar o povo judeu a se opor ao opressor estrangeiro, incitando os fieis à resistência. É um livro que apresenta temas contundentes como choque cultural, conflito interno, opressão política, imperialismo estrangeiro, crise econômica e *stress* psicológico nas mudanças religiosas devido ao contato com outras religiões consideradas pagãs. É em meio a toda essa turbulência que surge o profeta Daniel.

Trata-se duma época na qual os sonhos eram considerados revelações divinas (Dn 2); as punições eram duras; o orgulho dos poderosos desafiava o Deus vivo. No entanto, o Senhor livrou seus servos e o orgulho foi humilhantemente derrotado. Aos poucos, foi-se percebendo que os reinos humanos não duram muito, e Deus é quem controla a evolução da história.

O livro conta que aqueles que gozavam de boa aparência, perfeição física e grande inteligência eram escolhidos para fazer parte da corte real. “Entre eles encontravam-se Daniel, Ananias, Misael e Azarias” (Dn 1,6). Era comum entre os babilônios a prática de magia, feitiçaria, encantamentos e astrologia, as quais não eram permitidas entre os israelitas. Assim, aqueles que entravam para a corte tinham que estar firmes em sua fé no Deus de Israel e não se deixar influenciar por tais costumes. Daniel e os outros três jovens mantiveram-se firmes. Eles se sentiam livres para cumprir unicamente as obrigações prioritárias para com o seu Deus. E as-



sim, “o aspecto deles parecia melhor e eles se apresentavam mais bem nutridos que todos os jovens que se alimentavam das iguarias do rei” (Dn 1,15). Mesmo pequenos atos de autodisciplina, quando feitos por lealdade, como um princípio, coloca os servos de Deus sob sua aprovação e bênção.

Para mostrar ainda mais seu poder e opulência, o rei mandou construir uma estátua de ouro de aproximadamente 27 metros e obrigou a todos que se prostrassem em adoração. Aqueles que recusassem eram brutalmente punidos, lançados na fornalha ardente (cf. Dn 3,6). As fornalhas babilônicas eram formadas por tijolos e o combustível usado era o carvão. Para produzir altas temperaturas, fazia-se circular o ar dentro das fornalhas. No entanto, três jovens judeus – Sidrac, Misac e Abdênago – que ocupavam um bom cargo no reino, não se renderam às ordens reais e foram acusados por outros funcionários invejosos. Eles estavam preparados para arriscar suas vidas em nome daquele a quem serviam; portanto, de modo algum se envolveriam com a idolatria. Furioso, o rei manda acender a fornalha com um fogo sete vezes maior que o de costume e ali lançá-los amarrados. “*O nosso Deus, a quem servimos, é capaz de nos livrar da fornalha de fogo ardente*” (Dn 3,17). E de fato, isso aconteceu (cf. Dn 3,19ss). Ao ver o acontecido, Nabucodonosor ficou surpreso com a coragem daqueles jovens que “preferiram expor os seus corpos a servir ou a adorar qualquer outro deus senão o seu Deus” (Dn 3,28). O texto busca convencer os leitores de que os seguidores do verdadeiro Deus contam com a presença do Senhor em meio às situações difíceis.

Como podemos observar, a idolatria é uma perversão do sentido religioso. Significa virar as costas para Deus e adorar aquilo que é vão. Também em nossa cultura, ídolos é o que não falta. Muitos deles são *iguarias* produzidas por aqueles que exercem o papel do rei Nabucodonosor. Qualquer coisa pode se tornar um ídolo, mas os mais comuns são o apego excessivo (a pessoas ou a coisas), o poder, o prazer, o dinheiro, a fama, o culto ao corpo, o êxito esportivo, o consumismo desenfreado, o individualismo egocêntrico, os fundamentalismos, etc. Facilmente, até mesmo o trabalho, os estudos, a família, os amigos e o namoro acabam se tornando ídolos, quando nos impedem de viver na fidelidade ao Senhor da vida. Os ídolos são falsos e enganosos. Eles sugam o sangue de seus adoradores e os obrigam a prostrar-se diante deles. Os que tentam resistir ao seu poder são lançados na fornalha ardente da exclusão, da depressão, da falta de sentido para a vida, do vazio interior. Tudo isso acaba desgastando, causando sofrimento, frustração e desilusão.



Por outro lado, vemos crescer também a religiosidade – basta ver o número de igrejas que surgem por aí – mas nem sempre o respeito por Deus cresce na mesma proporção. Crescem as igrejas e não o Evangelho. Em alguns lugares, incutem-se os medos de feitiço, maldições, e acaba-se conferindo poder divino a coisas e entidades. Só Deus é todo-poderoso e quem nele crê é salvo.

A única solução, como no exemplo dos jovens apresentados, é recusar aos ídolos e adorar unicamente ao Deus vivo e verdadeiro, *capaz de nos livrar da fornalha de fogo ardente.*

Nesta mesma linha de resistência e fidelidade e na mesma época da repressão de Antíoco IV encontra-se a descrição emocionante do testemunho de uma mulher anônima, mãe de sete filhos, consolando-os e encorajando-os a fim de que permaneçam fiéis à tradição dos pais e resistam até a morte. Por fim, ela também entrega sua vida (2Mc 7). Ela é a imagem-símbolo do povo fiel, que, para resistir ao sistema helenizante, recupera a memória subversiva e elabora uma contraideologia. Fiel às suas convicções de fé, gera uma nova mística que produz a perseverança. Como em Daniel, este texto aprofunda a fé na ressurreição a partir do mesmo contexto de repressão. A fé na ressurreição se radicaliza na insurreição. A vida que receberão os ressuscitados não será mais semelhante à vida do mundo presente: será uma vida nova, totalmente transformada e transfigurada. Esta é a esperança que sustenta os mártires no meio de provas muito duras: o Deus da vida, criador de todas as coisas e libertador de todos os males, é também aquele que ressuscita os mortos.

Jesus de Nazaré e outros jovens

Jesus, em sua infância e juventude, viveu com seus pais em Nazaré da Galileia. “Crescia em estatura, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). Assumiu a vida comum dos jovens judeus de sua época. É precioso este tempo da “vida oculta” de Jesus. O fato do Filho de Deus fazer-se um de nós, assumindo totalmente a condição humana, revela que o cotidiano da vida de qualquer pessoa pode adquirir pleno sentido. Os mínimos gestos podem tornar-se caminho de santificação. Jesus foi santo não porque realizou grandes obras aos olhos dos outros, mas porque em todas as coisas fazia a vontade do Pai.

Pelo seu ministério público, a partir dos 30 anos de idade, verifica-se que Jesus cresceu na verdadeira sabedoria extraída da observação do



dia a dia das pessoas, do seu trabalho, de suas alegrias e tristezas, de suas aspirações e angústias; da contemplação da natureza, dos pássaros, dos campos, dos trigais, das figueiras, das vinhas... As palavras e ações de Jesus demonstram que ele desenvolveu um espírito crítico frente às instituições políticas, econômicas e religiosas de sua época, assim como muitos jovens de hoje. Constata-se também que ele lia e meditava a Sagrada Escritura a partir da ótica dos pequenos e pobres. Seguiu a linha dos movimentos proféticos e sapienciais. Posicionou-se contra o sistema excludente de pureza. Rompeu com o poder dominante e optou pelo lugar social das pessoas excluídas. No meio delas, gestou o seu programa e anunciou o Reino de Deus: um mundo justo, fraterno e solidário.

Sua mãe Maria assumiu a proposta de Deus e aceitou ser sua serva acolhendo Jesus em seu seio, enfrentando com coragem os preconceitos da sociedade de sua época. Anunciou que a misericórdia divina se estende de geração em geração para todas as pessoas que o temem... Assim se expressa o acadêmico **Chandi Salvador**:

MARIA, MODELO DE FÉ E AUDÁCIA

Maria – também conhecida como Maria de Nazaré, Santa Maria, Mãe Maria, Virgem Maria, Nossa Senhora, Santíssima Virgem Maria, *Theotokos*: Mãe de Deus –, foi uma mulher israelita de Nazaré, da região da Galileia, que viveu no final do século 1 a.C. e início do século 1 d.C. Ela é considerada pelos cristãos como a “primeira discípula”, a “primeira cristã”. Ela é identificada no Novo Testamento e no Alcorão como a mãe de Jesus através da intervenção divina (Mateus 1:16-25, Lucas 1:26-56, Lucas 2:1-7).

Maria era uma jovem, noiva do também jovem José. Filha de Ana e de Joaquim. Foi chamada pelo anjo Gabriel de “agraciada”, por ter sido escolhida para ser a mãe de Jesus. Em Lucas 1,26-38, a vocação de Maria está delimitada por dois verbos de movimento: o anjo *entra* onde Maria se encontra e, depois que ela responde ao chamado de Deus, o anjo *sai* de onde ela está. Nessa moldura está narrada a vocação de Maria, escolhida para ser a mãe do filho de Deus. Sair de si mesma e de seus próprios planos para entrar nos planos de Deus: é assim que ocorre a comunicação entre Deus e Maria, comunhão de vontades no mesmo projeto.

Deus precisava de uma pessoa corajosa, forte, audaciosa, despojada, para receber o chamado de ser mãe do Salvador. Pois



só alguém com essas qualidades, alguém que amasse mais a Deus do que a si própria, é que poderia suportar tudo o que essa vocação acarretaria: dificuldades, perseguições e outros sofrimentos. Maria tinha todas as qualidades que Deus buscava e almejava em uma jovem. Poucos são os momentos da vida de Maria citados na Sagrada Escritura, porém, não foram esses momentos que fizeram dela a mulher que ela foi. O que faz com que uma pessoa seja santa ou não, são as escolhas que ela faz durante a sua vida. E em todas as escolhas de Maria, Deus sempre estava em primeiro lugar. Antes de o anjo Gabriel aparecer à Virgem, ela já tinha planos de se casar com José e José já se preparava para a missão que iria a ele ser confiada.

Maria, a mulher que foi envolvida pelo Espírito Santo para conceber o Messias, louvou a Deus por causa de Jesus, entoando um hino de ação de graças, que ficou conhecido como "*Magnífica*" (Lc 1,46-55), no qual declara: "*A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador...*". Seu noivo José também foi avisado, através de sonho, que a criança gerada no ventre de Maria era fruto do Espírito Santo. José era uma pessoa justa. Também ele, como Maria, renunciou aos seus esquemas pessoais para aderir ao plano de Deus.

Maria é um belo exemplo bíblico de fé e vida piedosa para todos os jovens. Mesmo em meio a muitas dificuldades e diante de grandes desafios, é possível aceitar firmemente a missão que Deus lhe pede. Aí está uma grande mensagem para a juventude atual: perceber que hoje em dia, apesar das inúmeras dificuldades, Deus nos chama e exige de nós resposta corajosa. O chamado de Deus, num primeiro momento, faz brotar em nós várias interrogações, dúvidas e curiosidades. Mas é possível, sim, responder com fé e total confiança, mesmo quando Deus nos provoca a viver um estado de vida diferente do comum. Para isso, é necessário adquirir e cultivar uma virtude que Maria e também José possuíam: a coragem. Uma coragem que os levou a enfrentar todo e qualquer preconceito. Iluminados pelo Espírito Santo e imitando o exemplo da Virgem Mãe, possamos em nossa vida, sempre dizer sim à vontade de Deus!

Desde o início de sua atividade pública, Jesus escolheu um grupo para acompanhá-lo em sua missão. Certamente vários membros deste grupo de seguidores eram jovens. Jesus trabalha em equipe e ensina o modo de viver segundo o projeto de Deus, superando todas as formas de egoísmo, de discriminação e de domínio de uns sobre outros. Especialmente dedicou-se para libertar as pessoas, dos espíritos que



as impediam de serem livres para amar e serem amadas. Os espíritos imundos ou impuros estão relacionados com a ideologia do sistema de pureza, como vimos acima. Por causa deste sistema, as pessoas doentes, pobres, trabalhadoras de vários tipos de profissões, desempregadas, estrangeiras e mulheres, eram consideradas impuras e excluídas da salvação divina, uma vez que não conseguiam cumprir as leis estipuladas pela instituição religiosa. Além disto, havia a dominação do império romano: militarismo, escravização, invasões, saques, impostos, violência de todo tipo...

Jesus ensina um novo jeito de pensar e de agir. Abre para a juventude e para todas as pessoas de boa vontade um caminho novo de liberdade, justiça e paz. Liberta e cura as vítimas do poder econômico, político e religioso de sua época. Entre elas, os evangelhos citam alguns adolescentes e jovens, como a filha de Jairo, de doze anos de idade (Mc 5,35-43). Todos já a consideravam sem vida. Jesus toma-a pela mão e ordena: “*Menina, eu te digo, levanta-te*”. Ela é um exemplo da situação das adolescentes no tempo de Jesus, onde o patriarcalismo se impunha de forma truculenta. Jesus não segue as leis que discriminam. Segue o único mandamento que sintetiza toda a lei e toda profecia: o amor a Deus e ao próximo. Diante da dúvida de quem é o próximo, Jesus ilustra com a parábola do samaritano solidário (Lc 10,25-37).

A prática de Jesus, portanto, opõe-se a toda lei que impossibilita a vida digna para todos. Sua proposta é boa notícia para as pessoas de todas as idades. Mostra que o evangelho da vida e da salvação é dom de Deus para toda a humanidade. Na parábola dos dois jovens irmãos (Lc 15,11-32), Jesus revela o rosto misericordioso e acolhedor do Pai. O irmão mais novo que sai pelo mundo afora representa os estrangeiros, enquanto o mais velho representa os judeus. Eles têm o mesmo pai, que não impõe ordens, mas proporciona o caminho de mútua acolhida. Na sua casa tem lugar para todos. O Reino de Deus é de fraternidade e de paz.

Jesus chamou para segui-lo não somente os doze apóstolos. Chamou também o jovem rico que o procurou para saber o que deveria fazer para alcançar a vida eterna (Mt 19,16-22). Jesus gostou dele e percebeu que ele tinha condições de avançar no caminho da perfeição. Porém, este jovem não conseguiu dar o seu sim. Eis o comentário do acadêmico **Gilson Siqueira Alves**:



JESUS OU O DINHEIRO: A QUEM SERVIR?

A narrativa do encontro do jovem rico com Jesus, comum nos três Evangelhos sinóticos (Lc 18,18-23; Mt 19,16-30 e Mc 10,17-31) é altamente paradigmática. Evidencia o desejo que toda pessoa carrega em seu íntimo, de uma vida com profundo sentido. Evidencia igualmente o conflito entre a proposta de Jesus e o apego ao dinheiro. O jovem do evangelho revelou que já havia assumido a opção pelo dinheiro, como absoluto dentro do seu coração. Não havia mais lugar para o Deus de Jesus: o Deus da Vida.

Percebe-se que Jesus se mostra severo em relação ao dinheiro: severidade profética. Ele mesmo diz (cf. Mt 6,24) que *“não se pode servir a Deus e ao Dinheiro”*. O mal não está no dinheiro em si, mas no uso que se faz dele. E sobre o dinheiro se desenvolve um culto de “adoração” e de “pertença”, algo infelizmente tão comum em nossa sociedade pós-moderna, onde muitos bradam que são livres e no fundo são escravos do “deus” dinheiro.

O conflito que se processa dentro do jovem rico e que Jesus percebe é seu apego ao dinheiro, pois na religiosidade judaica a riqueza estava ligada à bênção. Todavia, na radicalidade do seguimento de Jesus, o absoluto tem que ser Deus, e a palavra de ordem não é mais fechamento, mas abertura; não mais acúmulo, mas partilha. Jesus propõe ao jovem rico outras riquezas, outro caminho de plenas realizações. Não mais a vivência de rituais exteriores ou práticas religiosas que nos fazem olhar somente para o nosso umbigo. Jesus olha para o jovem rico com amor, destarte apresenta outro estilo de vida.

O jovem, apesar de encontrar-se com Jesus, olhando-o em seus olhos, ouvindo suas palavras e experimentando seu amor, diz não à proposta de Jesus. O fechamento o abraça, o “deus” dinheiro ainda governa seu ser a ponto de o evangelho de Marcos (10,22) dizer: “Saiu pesaroso, pois era possuidor de muitas propriedades” (10,22). O problema desse jovem rico não era o dinheiro em si, mas o fato de o dinheiro já ser seu “deus” e governar seu íntimo a ponto de fazê-lo renunciar ao convite de Jesus.

Não é exagero afirmar que o dinheiro, numa sociedade de consumo como a nossa, se tornou o “deus” dos jovens. Ao dinheiro, todo culto, todo sacrifício para tê-lo. Muitos acabam por renunciar aos valores mais altos para possuí-lo. Afinal, o dinheiro concede falsas liberdades, abre portas, escancara horizontes, prolonga o prazer.



Em nome do dinheiro, hoje se renuncia à fé, refreia-se a prática religiosa, deixa-se de participar de ritos cristãos a ponto de afirmar-se que o sacramento do Crisma tornou-se a “festa da despedida”. Assim como o jovem rico dos Evangelhos, muitos jovens hoje se fecham à proposta de Jesus.

No cenário moderno, o que presenciamos nada mais é do que a espiral da morte, engolindo os jovens. A falsa segurança que o dinheiro passa não é capaz de sustentar por muito tempo os ideais da juventude. O “deus” dinheiro exige culto permanente e dedicação absoluta e, conseqüentemente, a perda de valores. É preciso ter muita coragem para não se dobrar frente ao sistema dominante e não se sentir inferiorizado nessa sociedade onde as pessoas são números e só valem pelo que consomem. Parafraseando Descartes: “Consumo, logo, existo”. É uma realidade sombria, que ilude e engana os jovens.

Cabe aos cristãos de nosso tempo repropor um estilo de vida novo e encantador aos jovens, que não é outro a não ser o de Jesus de Nazaré. Ele é nossa riqueza, ele abre novos horizontes. Em Jesus encontramos o sentido que o dinheiro nos faz perder. Abraçar seu projeto é ir em direção à outra lógica. É quebrar as cadeias das “pseudoescravidões” como a última moda, o novo celular, a nova roupa, as cores do shopping... Enfim, é ter a ousadia de construir uma nova humanidade, pautada no uso consciente e responsável dos recursos da natureza, uma vida sustentável em todos os âmbitos, participação ativa na política, destronando o “deus” dinheiro e deixando de prestar-lhe culto. É dar a Deus o primeiro lugar. É ser seguidor alegre do homem de Nazaré.

Atitude diferente do jovem rico tiveram as mulheres, Maria Madalena, Joana, Susana e muitas outras. Mesmo sem serem convidadas explicitamente por Jesus, puseram-se a segui-lo colocando seus bens a serviço de sua missão (Lc 3,1-3).

Há jovens também que crescem e se educam em ambientes que não proporcionam uma visão verdadeira de Deus e servem aos interesses dos dominantes. Um exemplo é a filha de Herodiades, mulher de Herodes. Para satisfazer o desejo de sua mãe, ela pede a morte do profeta João Batista (Mc 6,14-29). A Bíblia mostra que há dois caminhos: o da vida e o da morte. O caminho da vida, por excelência, identifica-se com a pessoa de Jesus de Nazaré que veio não para ser servido, mas para servir e dar sua vida pela salvação de todos.



Juventude no movimento de Jesus

O movimento de Jesus continuou após sua morte e ressurreição. Muitos jovens o seguiram, como Saulo de Tarso. De perseguidor dos cristãos, transformou-se num dos mais corajosos evangelizadores na Igreja primitiva. Sua conversão (At 9) se deu quando ele tinha 26 anos, logo após o martírio de Estêvão (At 7). Saulo estava presente à execução. A roupa de Estêvão foi colocada aos seus pés. O testemunho de fé do primeiro mártir cristão abriu o caminho para a mudança radical da vida de Saulo. Tornou-se um exemplar seguidor de Jesus, a ponto de afirmar: *“Não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim”* (Gl 2,20). Assim, *“se alguém está em Cristo é nova criatura. O que era antigo passou, agora tudo é novo”* (2Cor 5,17).

Barnabé é outro exemplo para o seguimento de Jesus. Ele “sendo proprietário de um campo, vendeu-o e trouxe o valor aos pés dos apóstolos” (At 4,36-37). Foi um grande companheiro de Paulo, ajudou-o a encontrar-se e dialogar com os apóstolos em Jerusalém (At 9,26-30) e participou da equipe missionária. Barnabé recebeu um belo elogio do autor do livro de Atos dos Apóstolos: *“Era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé”* (At 11,24).

Um exemplo contrário ao de Barnabé foi o do casal Ananias e Safira (At 5,1-11). Venderam um campo, retiveram uma parte do valor e mentiram para a comunidade. Colocaram aos pés dos apóstolos apenas a metade do valor arrecadado. Devido à mentira, os dois, em momentos diferentes, caem mortos diante da palavra de Pedro. Esta história tem a intenção de mostrar que na comunidade cristã não podem ser admitidas atitudes de desonestidade e corrupção. Quem vai enterrar os corpos de Ananias e Safira são os jovens. Eles representam a novidade do Evangelho. Toda maldade deve ser imediatamente “enterrada” para preservar a proposta de Jesus de uma vida nova.

Outro jovem que se tornou um grande discípulo missionário de Jesus foi João Marcos. Sua mãe chamava-se Maria, animadora de uma comunidade cristã. Na sua casa, em Jerusalém, reunia-se uma igreja (At 12,12). Marcos ou João Marcos cresceu nesse ambiente de fé e de acolhida, orientado pelos conselhos e pelo exemplo de sua mãe. Era primo de Barnabé (Col 4,10) e integrou-se na equipe missionária junto com Paulo e também acompanhou Pedro em Roma. Pedro o chama



de “meu filho” (1Pd 5,13). A tradição atribui a este jovem a autoria do Evangelho de Marcos.

Há muitos outros nomes de seguidores e seguidoras de Jesus que poderiam ser evocados. Ainda nos Atos dos Apóstolos encontramos a informação de que o diácono Filipe tinha quatro filhas solteiras que exerciam o ministério da profecia. Seguindo o caminho do pai, dedicavam-se à pregação do Evangelho (At 21,9). Timóteo é mais um exemplo que não pode ser esquecido. É o acadêmico **Alcionir dos Santos** que comenta sobre este discípulo missionário de Jesus:

TIMÓTEO, UM JOVEM HONRADO

Timóteo significa “aquele que honra a Deus”. Sua mãe se chamava Eunice, que era judia e de seu pai apenas sabemos que era grego (At 16,1). Ele aprendeu as Escrituras desde pequeno através de sua mãe e de sua avó Loide (2Tm 1,5).

Tudo indica que Paulo o conheceu em sua segunda viagem missionária e que já era cristão, a partir da primeira viagem (At 15,36-18,22), quando estava passando por Derbe e Listra, atual Turquia, aproximadamente entre os anos 49 a 52. Timóteo tinha, mais ou menos, 16 anos de idade. Paulo o leva consigo para continuar a missão (At 16,3). Na terceira viagem missionária, Paulo vai para Macedônia e pede para que Timóteo fique em Éfeso, para organizar a Igreja nesse local. Após isso recebe duas cartas de Paulo, pois certamente Timóteo passava por algumas dificuldades. Sua tarefa seria de convencer alguns a parar de ensinar doutrinas que fossem contrárias à fé cristã (1Tm 1, 3-4). Em torno do ano 57, Timóteo foi enviado de Éfeso a Macedônia para recolher ofertas que seriam enviadas aos cristãos necessitados em Jerusalém (At 19,22; 16,1-10), pois estes passavam por dificuldades. Uma das causas destas dificuldades, provavelmente, estaria ligada à crença no retorno imediato de Jesus Cristo e, por isso, davam tudo o que possuíam.

O tempo em que Timóteo esteve com Paulo, aprendeu o Evangelho e tornou-se animador da comunidade cristã de Éfeso, ainda muito jovem. Paulo, através de carta, o ajuda a permanecer firme na missão de ensinar a verdadeira doutrina pela palavra e pelo exemplo, sem esmorecer diante dos que se arvoravam como doutores da Lei (1Tm 1,5-7) e ensinavam doutrinas que não condiziam com a fé cristã. Timóteo devia discernir o que era verdadeiro, agir com sabedoria, corrigir com caridade e dar ele próprio o exemplo, vivendo a vida



com toda piedade e respeito. Não desprezar quem agia de modo desordenado, mas orientar com ternura. Devia conservar a pureza de coração para amar verdadeiramente e pregar coerentemente (1Tm 1,5). Devia cultivar “a fé sincera e a boa consciência”. Sua missão revestia-se de grande responsabilidade: cuidar para que os novos ministros fossem irrepreensíveis diante de Deus e diante dos homens, aptos para *ensinar* com toda a caridade, criando seus filhos sob a disciplina. Estes ministros deveriam *aprender com consciência reta* para exercer o ministério com convicção e coerência.

Timóteo é encorajado a pregar a palavra de modo insistente, oportuna e inoportunamente; exortar, convencer, repreender com toda a paciência e empenho de instruir (2Tm 4,2). O ministro precisa saber dar atenção, respeito e honra para com os mais velhos, mas se caso necessário aplicar a correção. Os cristãos devem rezar também pelos líderes do governo, para que eles possam dispor de uma vida mais tranquila e pregar o Evangelho sem serem impedidos. Numa palavra, é importante para o discípulo saber que Cristo é a coluna da Igreja e que é nessa coluna que ele deve estar apoiado, com firmeza e sabedoria.

O que os pais, a Igreja e a sociedade esperam dos jovens é que sejam conscientes, empenhados, firmes e convictos de sua tarefa frente à sua própria vida e àquilo que buscam alcançar. O jovem que age com coração puro, consciência boa e fé sincera possui autodomínio, sabe equilibrar-se na vida, responsabilizar-se diante de seus estudos, de trabalhos e de questões que às vezes nem sempre são de fácil solução. Também o jovem deve agir segundo a palavra do Senhor, pois assim ficará firme na tribulação; ver o que prejudica a sua vida e corrigir-se; pregar a verdade com coragem; não desprezar quem pensa e age de modo desordenado, antes mostrar pela palavra e pelo exemplo o modo correto de viver, fazendo a correção com caridade; ser puro de coração para poder amar verdadeiramente; estar atento aos falsos mestres, para não se perder com eles; aprender com consciência reta e depois exercer o ministério; atenção, respeito e honra para com os mais velhos; ensinar e recomendar as coisas boas conforme a vontade de Deus, com fé, amor e constância.

Numa das cartas dirigida a Timóteo, atribuída a Paulo, encontram-se estas instruções: “*Ninguém te despreze por seres jovem. Ao contrário, torna-te modelo para os fiéis, no modo de falar e de viver, na caridade, na fé, na castidade. Aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino...*” (1Tm 4,12-13).



Que ninguém despreze os jovens de hoje. Para cada um Deus tem um desígnio que precisa ser descoberto, acolhido e assumido com toda convicção. “Os jovens são sensíveis a descobrir sua vocação, a ser amigos e discípulos de Cristo. São chamados a ser ‘sentinelas da manhã’ (João Paulo II) comprometendo-se na renovação do mundo à luz do Plano de Deus” (DAp. 443).

Consideração final

Neste artigo procuramos destacar algumas personagens, nem todas com a segurança de serem cronologicamente jovens, nos principais períodos históricos de Israel e da Igreja cristã primitiva. Ressaltamos as que a Bíblia guardou como testemunhas edificantes da fé judaico-cristã, colaboradoras na defesa e promoção do projeto de Deus: de amor e de fraternidade no mundo. Muitas outras poderiam ser referenciadas. Deus age e realiza seu plano de salvação universal através, sobretudo, de multidões de pessoas anônimas que, no cotidiano de suas vidas, o amam de todo o coração e se dedicam para o bem do próximo. Esse é o jeito jovem de ser. É o compromisso que desejamos assumir, com ânimo e perseverança, os que participamos do Seminário sobre Juventude e Bíblia: Rosália, Alex, Gilson, Chandi, Gabriel, Tiago, Wagner, Alcionir e Celso. É dentro de Deus que encontramos esta energia rejuvenescedora. Deus “dá forças ao ser humano acabrunhado, redobra o vigor do fraco. Até os adolescentes podem esgotar-se, e jovens robustos podem cambalear, mas aqueles que contam com o Senhor renovam suas forças; ele dá-lhes asas de águia. Correm sem se cansar, vão para frente sem se fatigar” (Is 40,39-31).

Bibliografia

BORILLE, Ednilso. *Bíblia e Juventude: Um encontro marcado!* Crise-novidade, caminho para uma hermenêutica bíblica na ótica da juventude. Monografia de Conclusão do Curso de Teologia, Florianópolis: Instituto Teológico de Santa Catarina, 2007.

DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes*. Jovens construindo juventude na história. São Paulo: Loyola, 2003.

GALLAZZI, Sandro. *Por uma terra sem mar, sem templo, sem lágrimas*. Introdução a uma leitura militante da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1999.



MESTERS, Carlos. *Juventude: vocação e compromisso à luz da Palavra de Deus*, in: Curso de Verão – Ano XXI. São Paulo: CESEP e Paulus, 2007, p. 87-171.

SANTOS OLIVEIRA, Eliezer dos. *As juventudes na Bíblia e na vida*, in: Estudos Bíblicos, vol. 28, n. 110, abril-junho 2011. Petrópolis: Vozes, p. 9-27.

MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

SOUZA, Geraldo Pires de. *Elas na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1998

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro de Judite*. São Paulo: Paulus, 2004.

GALLARRES, Judelle A. *Imagens da fé*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIKASA, Xavier; SILANES, Nereo. *Dicionário teológico*, verbete: O Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1998.

GUTHRIE, Donald; MILLARD, Alan. *O mundo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1986.

LANCELLOTTI, Boccali. *Comentário ao Evangelho de Lucas*. Petrópolis: Vozes, 1979.

VV.AA. *Dicionário Bíblico Universal*, verbete “jovem”.... São Paulo, Aparecida: Santuário, 1996.

Endereço do autor:

Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC

Caixa Postal 5041

88040-970 Florianópolis, SC

loraschi@itesc.org.br